



Editorial

“Irmão, vai tacar pedra?”

Nossa edição - editorada por dois homens - está sendo publicada enquanto o mundo passa por uma situação sem precedentes: a pandemia do coronavírus. Longe do ideal científico de indiferença e apatia, reconhecemos que o isolamento social transformou a vida d@s pesquisador@s durante esse tempo. Não apenas porque, nos estudos de religião, seus olhos se voltaram a diversas interações entre as instituições sagradas e a questão da pandemia, mas também porque a questão sanitária tornou-se importante a ponto de inserir novos hábitos e cuidados no cotidiano e, conseqüentemente, uma nova relação de espiritualidade subjetiva em tensão-relação com a normatividade patriarcal eurocêntrica heterossexual.

Com essa nova dinâmica social, nossa edição não poderia ser mais necessária: a pandemia escancarou o quanto a sociedade brasileira continua racista (vide a diferença no número de contaminados e mortos entre negr@s e branc@s), continua sexista. A produção de pesquisadoras, como apresenta levantamento da ONG brasileira *Parents in Science*¹, teve uma queda substantiva durante o isolamento social, fato que revela que ainda são a elas atribuídas todas as tarefas domésticas e familiares que aumentaram nesse período. Antes, todavia, de tratarmos de um problema pandêmico, como o patriarcado, é preciso que conheçamos suas causas e articulações sociais – inclusive suas interações com a religião.

Por isso, o primeiro número volume 17 da Revista Sacrilegens, inicia-se com o dossiê Religião e Gênero coordenado por Ana Luíza Gouvêa Neto e Kaio Lemos. Em sua diversidade, o dossiê aborda assuntos como a espiritualidade trans, recortes de raça no feminismo, a questão da mulher na Umbanda, no Luteranismo e no Pentecostalismo, histórias em quadrinhos em outros. Na medida em que expõe e analisa como esses recortes estão posicionados na sociedade, nosso dossiê se torna um instrumento fundamental para compreender as relações de gênero que nos permeiam.

O dossiê aborda o debate de Gênero, Raça, Religião e Identidade. Dele, destacamos a existência de uma polifonia de abordagens que vão desde as representações de gênero vivenciadas nos meios de comunicação e instituições, o

¹<https://www.parentinscience.com/>

papel da mulher nos diversos espaços, o desenvolvimento e a trajetória feminina nas religiões, sexualidades, classe e raça, as epistemologias feministas e as interpretações religiosas. Nesse sentido, os textos apresentados compreendem a categoria de gênero como não estática, abordando a pluralidade de influências. Eles analisam como espiritualidades singulares são criadas como respostas às exclusões e formatações impostas pelas religiões e os processos de dessacralização de expressões de sexo/gênero diversas como estratégia de exclusão social e as religiosidades e espiritualidades trans como estratégias de reintegração e de ressacralização dos seres em relação à vida. Percebemos, também, como tais rotas espirituais surgem como saídas de emergência para existências perseguidas ou excluídas por sistemas religiosos canônicos.

A seção de artigos livres também conta com contribuições fundamentais para a investigação do fenômeno religioso. Em *Drama e emoção: Gregório de Matos como poeta religioso*, Andre Klojda destaca como uma leitura do autor que privilegie seus elementos não-satíricos revela uma autêntica emoção religiosa em sua poesia. Posteriormente, o artigo de Sergio Blain: *O Papel Das Freiras Nos Padrões De Elegância Feminina Brasileira Na Década De 1950*. Nele, se articulam as influências francesas nas escolas de freira de modo a formar um padrão de elegância baseado na figura da “Mãe de Deus”.

O artigo *Trânsito religioso: apropriações de elementos de umbanda no neopaganismo* de Amaro Xavier Braga Junior, destaca e analisa as práticas litúrgicas que se desenvolvem entre as manifestações da Umbanda e suas apropriações pelos grupos wiccanos ou neopagãos, surgidos no Brasil nas últimas décadas. *Institucionalização da religião: o design conferido à Convenção Batista Brasileira (1907-1908)* de Pedro Henrique Guimarães Teixeira Alves analisa o formato conferido à tal instituição através de análises das seções nas quais a CBB foi segmentada.

Adriana Gomes contribui em nossa edição com o artigo *Na Primeira República, praticar espiritismo era cometer um crime indígena* que discute a recepção do Código Penal de 1890, legislado por João Baptista Pereira no meio jurídico brasileiro, com destaque para o artigo 157, que criminalizou o espiritismo. O artigo *A vivência da fé sob o estigma na percepção de praticantes de religiões afro-brasileiras em MontesClaros* de Jaqueline Souza Simões analisa a percepção sobre o estigma de seguidores do Candomblé e da Umbanda em terreiros da cidade de Montes Claros, no norte de Minas Gerais.



Em *A fúria berserkr: a relação entre violência e religião no contexto da Religião Nórdica Antiga*, Leandro Oliveira interpreta a relação entre religião e violência na Religião Nórdica Antiga, em especial, a figura dos *berserkir*, guerreiros da Era Viking (sécs. VIII-XI). Por fim, nossa edição termina com uma interessante entrevista de Thiago Luiz de Sousa com o filósofo francês Gérard Bensussan questionando a relação entre M. Proust e H. Bergson acerca do tempo e da religião.

Nossa capa ilustra nossa edição com imagem da fantasia-crítica *Maria Madalena ano 2020* do artista e carnavalesco da Mangueira, Leandro Vieira, que com o enredo *A verdade voz libertará* causou polêmica e reflexão no carnaval de 2020. Ciente da influência da moral e imaginário cristão-conservador na sociedade brasileira e partindo da *performance paródica* da personagem bíblica, o carnavalesco propõe uma hermenêutica *queer* do cristianismo, convidando a tod@s a identificar a dignidade dos sujeitos subalternizados e sua diversidade. Diante das constantes violações – em nome de deus(@s) - dos direitos humanos de mulheres, pret@s, indígenas, gays, lésbicas, travestis, transsexuais, intersexuais, queers, hijras indianas, muxes mexicanes entre tantos outros corpos, fica a interpelação a@s sujeit@s e instituições com narrativas hegemônicas dos homens brancos-heterossexuais-colonizadores: “Irmão, vai tacar pedra?”

Fazemos votos de boas desconcertantes leituras.

Danilo Mendes

Kaio Lemos

Paulo Victor Zaquieu-Higino